

Quem acredita nessa

O Plano Brady ainda não encontrou o necessário apoio dos bancos credores.

JORNAL DA TARDE — 11

nomia

E O MUNDO

ajuda aos devedores?

americanos para decolar, mas já enfrenta a dúvida dos analistas internacionais.

A três dias da abertura do ciclo de reuniões do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird) em Washington, o Plano Brady, anunciado no dia 10 de março como um alívio para a dívida do Terceiro Mundo, ainda não tem o apoio dos bancos credores americanos e é visto com ceticismo por analistas de vários países.

Richard Feinberg, vice-presidente da **Overseas Development Council**, uma instituição privada norte-americana de estudos econômicos, expressou ontem suas dúvidas sobre quando será posto em prática o plano do secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Segundo Feinberg, os bancos credores americanos preferem fortalecer suas carteiras de reservas para proteger-se dos riscos de atraso ou suspensão dos pagamentos pelos devedores. Somente os 18 maiores bancos credores já acumularam reservas de US\$ 29 bilhões.

Feinberg e o também analista econômico Gordon Hanson divulgaram ontem um estudo que mostra que o anúncio do Plano Brady abriu um parêntese na evolução do problema da dívida e criou uma série de perguntas que o mundo financeiro quer ver respondidas: como se processará o "perdão" de parte da dívida? Quem serão os beneficiários? E quem terá de absorver os prejuízos?

Para os dois analistas, o Plano Brady, apenas em sua fase inicial, necessaria de nada menos que US\$ 20 bilhões de recursos do FMI e do Bird, além de mais US\$ 10 bilhões do governo japonês. Isso só para colocar o Plano Brady em marcha, pois a dívida total dos países em desenvolvimento e do Terceiro Mundo alcança US\$ 1,3 trilhão.

Em Tóquio, Yoh Kurosawa, vice-presidente do Banco Industrial do Japão, disse que se o Plano Brady não se instrumentalizar em poucos meses, a crise da dívida poderá alcançar efeitos desastrosos. Isso porque as nações devedoras se mostrariam reticentes em pagar os juros aos bancos comerciais, à espera de obter algum benefício com o Plano Brady. Kurosawa deu um exemplo: "Se eu fosse brasileiro, também não pagaria".

Em Washington, comenta-se que as idéias do novo governo americano para a dívida abriram um debate político de amplo alcance.

Reuter/Arquivo AE



Michel Camdessus, do FMI: papel fundamental no sucesso do Plano Brady.

ce que está pondo à prova sua capacidade de liderar as negociações. As nações devedoras da América Latina pressionam o governo George Bush para que atue rapidamente e apresente propostas concretas, evitando uma prolongada disputa econômica com os bancos e os aliados econômicos.

Para o diário alemão **Frankfurter Rundschau**, o Plano Brady é visto com ceticismo pelos círculos financeiros internacionais. Segundo o jornal, a primeira prova para o plano é iminente porque México e Venezuela, afetados pela queda nos preços do petróleo, irão testar se os bancos estão dispostos a desistir de grande parte de suas exigências.

O México anunciou ontem que pretende iniciar conversações

com os 13 bancos de seu comitê assessor da dívida externa logo após as reuniões do FMI e do Bird, na próxima semana. O México está tentando reduzir suas transferências de divisas para o exterior a 2% de seu Produto Nacional Bruto. Atualmente, essa transferência é de 5%.

O bloco latino-americano pretende levar à reunião do FMI uma posição comum: evitar que o poder de decisão dos países em desenvolvimento seja reduzido quando do reajuste das cotas do Fundo. O FMI distribui os votos em proporção direta ao capital que cada país aporta à instituição. Atualmente, os EUA têm 19,14% dos votos, contra 10,17% de toda a América Latina.